

dísparos, que nada têm em comum: o de um meta-histórico, que abandonou o espaço histórico, com uns interlocutores que ainda crêem mover-se dentro dele. Isto leva a desajustes temporais no ângulo de contemplação: os dois farejam em torno do cadáver que para mim se petrificou em fóssil muito tempo atrás. Às vezes a conversa é divertida... — quando defendem ardorosamente valores que em Eumeswil não passam, afinal, de paródias. Então até poderia tomá-los a sério: são o protótipo de uma época.

Embora me agrade chamar meu progenitor de velho, isto não significa que não tenha grande respeito à figura do pai. Ao contrário, só que o meu não cumpre esta função ou a exerce como o comediante que põe barba de Papai Noel. Um jornaleiro, um estivador do porto o representam muito melhor. É curioso que precisamente estes espíritos livres guardem respeito a umas normas que já foram desacreditadas por seus antepassados.

Casou-se duas vezes. Aqui em Eumeswil é comum, no início da carreira, como homem político, por exemplo, tomar a primeira mulher que se encontra. Se depois consegue sucesso, então a primeira já não lhe serve; não tem juventude, beleza nem distinção. Troca-a por um símbolo de sua nova classe. Aqui, por exemplo, neste cadinho de raças, também é possível notar a transição para cores de pele mais claras.

O que começa dos degraus elevados pode comportar-se de outra maneira. Primeiro, pensa na carreira e nas circunstâncias externas. Somente quando já está bem situado, na metade da vida, Afrodite reclama um tributo tardio. Brotam nele outros desejos. Não faltam adulações. Não faz muito tempo, um gene-

ral de alta condição se deixou seduzir pelos encantos de uma puta conhecida em toda a cidade. Estes casos são aceitos com bom humor no alcácer. Eu estava de serviço no bar, quando o Domo contou o fato ao Condor. Este se pôs a rir: “Cunhados é que não lhe faltarão!” O Domo, por sua vez, dá importância ao que antes se chamava “mancha da honra”. Sabe ser moralista, se necessário.

Os professores escolhem uma estudante... uma das que se sentam na primeira fila, fascinadas pelas exigências do espírito. A coisa pode acabar bem. No caso de meu pai, foi a secretária. Divorciou-se para casar com ela; sua primeira mulher ainda vive na cidade. Dela teve Cadmo. Separaram-se sem rancor — ele a visita de vez em quando, para refrescar velhas lembranças.

Minha mãe morreu prematuramente, em meus primeiros anos escolares. Senti sua perda como um segundo nascimento, como um ser lançado num mundo estranho, mais claro e mais frio — e já consciente.

Com sua morte, o mundo também mudou. A casa era menos acolhedora, o jardim mais frio. As flores perderam suas cores, seu perfume. Viu-se, não pouco a pouco, mas de súbito, que lhes faltava a mão materna. As abelhas não vinham mais pousar sobre elas, nem acorriam as borboletas. As flores pressentem, com maior sensibilidade que os animais, a entrega do homem e correspondem com sua própria entrega.

Na casa, no jardim, eu buscava os cantos afastados. Muitas vezes me agachava na escada que levava ao sótão, num buraco escuro. Não podia chorar; o soluço me estrangulava a garganta.